

No HRG, o grande doente é mesmo o próprio hospital

Como se não bastasse a falta de seringas, gesso, algodão, desinfetante laboratorial, antibióticos, compressas de gase e lençóis, o Hospital Regional do Gama ainda enfrenta déficit de 500 profissionais. Das nove ambulâncias, apenas cinco funcionam, e precariamente. Os dados foram fornecidos pelo diretor-administrativo da instituição, Luis Fernando Prado. A situação é pior "se acrescentarmos a estes dados o fato de atendermos um número muito maior que a nossa capacidade".

Segundo ele, há dois anos não é feita licitação para compra de roupas e lençóis. A última, realizada em 1987, supriu apenas 30 por cento do necessário. Hoje, o hospital tem cerca de mil lençóis, "em termos otimistas", disse o diretor. Ontem, a Farmácia Central da Fundação Hospitalar enviou 1 mil 300 seringas de 20 ml, número insuficiente para a demanda de um dia. Também chegaram, depois de uma semana de estoques zerados, 48 mil compressas de gase, para um consumo mensal de 400 mil.

DOAÇÕES

Funcionando precariamente, a

radiologia vive às custas de outras instituições que ou doam filme radiográfico ou vendem para receber num "futuro incerto", pois os recursos de caixa para suprir eventuais faltas não são repassados há dois meses. A falta de dinheiro em caixa não permite ao hospital consertar as ambulâncias. Luis Fernando afirmou que na semana passada diante da seriedade do problema e sem condições para transportar pacientes, a direção acionou o Corpo de Bombeiros da cidade para cumprir a tarefa.

"A grande incoerência é que o próprio Núcleo de Planejamento Hospitalar da Fundação fornece os dados apontando as carências", explicou o chefe de enfermagem, Ageu Medeiros. Uma planilha da FHDF de 1983 aponta, somente na clínica médica, uma deficiência de 20 médicos. O HRG funciona com uma carência de 180 enfermeiros e 167 auxiliares. "Para nós, o problema maior não é a falta de recursos humanos. Além de não termos condições de trabalho por faltar praticamente tudo, ainda somos agredidos pela população, que não enten-

de o que está acontecendo".

Com o mesmo sentimento de indignação da equipe que chefia o hospital, Raul Ferreira Costa, aposentado, reclamava do atendimento no local. Segundo ele, seu filho, professor de curso noturno de uma escola particular da satélite, levou uma aluna que passou mal no pronto-socorro. Lá chegando, o professor teve que ir à farmácia para comprar seringa. Depois de medicada, a estudante Maria José de Jesus recebeu alta.

Em seguida, Maria José voltou a sentir mal-estar, mas foi abrigada durante à noite na casa de Raul, pois o hospital não tinha leitos para interná-la. São 332 leitos para internação, com um atendimento diário de mais de 800 pessoas. "Só contamos com a ajuda de vocês da imprensa para, através de denúncias destes fatos, nos salvarmos. Desde a assinatura do convênio para a implantação do Sistema Unificado Descentralizado de Saúde nós estamos vivendo uma situação caótica", disse uma funcionária do hospital, que pediu para não ser identificada.